



Chrys Chrystello*

Que nunca uma Melissa nos atinja

Há alguns dias os meus pensamentos andavam pelas gentes da Jamaica que sofreram o maior ciclone da história (furacão Melissa) com ventos de 185 mph e rajadas de 200 mph (297 – 321 km/h), categoria 5 (o nível máximo da escala Saffir-Simpson). Já o Centro Nacional de Furacões (NHC) dos Estados Unidos descreveu o impacto como “um dos mais fortes já registados no Atlântico”, e a Organização Meteorológica Mundial chamou o furacão de a “tempestade do século” para a Jamaica. Mas é relativamente raro que estes furacões atinjam diretamente a costa jamaicana. Desde 1988, apenas três tiveram esse impacto.

Quase um terço da população de 3 milhões sem energia elétrica e danos incalculáveis em todos os hospitais e aeroportos. A tempestade seguiu depois para o Haiti, Cuba e Bahamas onde causou mais mortes. É confrangedor, todos os dias ver ciclones, tempestades tropicais, terremotos, deslizamentos de terras, inundações em todos os pontos deste globo, a uma velocidade nunca vista e em quantidade ímpar, seja por alterações climáticas ou por outra qualquer razão.

Nestes últimos dias de outubro, umas chuvas normais para a época, em S Miguel causaram inundações, deslizamentos e danos em 10 carros levados pelas águas. As inundações na freguesia de Água de Pau, no concelho da Lagoa, terão sido originadas por uma alegada intervenção de corte de madeira, divulgou o Governo Regional dos Açores que diz “não terão sido cumpridas as necessárias boas práticas, nomeadamente no que se refere à não-deposição de madeira e sobrantes vegetais junto às linhas de água”. A situação referida “levou ao arrastamento desses materiais, colmatando duas passagens hidráulicas, resultando no galgamento das águas e na inundações de toda aquela zona, causando danos muito significativos”. Igualmente, a freguesia da Ribeirinha (Ribeira Grande), que fora atingida pela intempérie, mereceu visita governamental para “avaliar a extensão dos danos provocados e encontrar soluções para acudir às famílias afetadas pelos danos verificados”. Relativamente à situação verificada no concelho da Ribeira Grande, o governante adiantou tratar-se de uma reincidência e que a solução definitiva “será implementada a breve trecho”.

Ora se isto causa o transbordar de ribeiras com pouca chuva imagine-se em casos de maiores chuvas. Quase todas as ribeiras estão atulhadas de detritos, lixo doméstico e industrial, troncos cortados, etc. e quando chove assiste-se a estas inundações.

Também Portugal se alagou de Lisboa para sul no fim do mês de outubro. Imagino se uma catástrofe destas se abatesse sobre os Açores isto ficava em ruínas durante décadas.

Basta recordar que o furacão Lorenzo destruiu o porto das Lajes das Flores que está ser reconstruído até 2029 (10 anos depois) e o incêndio no hospital (HDES) em maio 2024 ainda não foi reparado nem reconstruído, nem se sabe o que vai acontecer além de uma instalação modular das urgências (que não arderam).

Que nos valham os sete deuses de boa sorte (Shichi Fukujin 『七福神』), fortuna e felicidade, no xintoísmo, mitologia japonesa e folclore japonês, mais a deusa grega Tique ou a deusa romana da Fortuna, ou a deusa Lakshmi, que significa “boa sorte” para os hindus. Que todas estas divindades e mais outras tantas se conjuguem para que nunca tenhamos de ser vitimados por um ato de destruição como a Melissa ou semelhante. Sabemos pela consulta da História dos terríveis terremotos e erupções que assolaram este arquipélago desde que é povoado e sabemos que a probabilidade de nos tocar a nós num futuro próximo é avassaladora. Como as desgraças todas se estão acumular na minha década de septuagenário, espero que o destino me dê umas tréguas. Sei que é egoísmo puro mas não desejo a ninguém uma Melissa[1].

[1] Melissa é um nome próprio feminino que vem da palavra grega μέλισσα (mélissa), «abelha», [1] que por sua vez vem de μέλι (meli), «mel».

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



Victor de Lima Meireles

Correr viagens

Para
Teresa Seara Cardoso, Isolina de Carvalho,
Maria João Laranjo, Zulmiro de Carvalho
e Carlos Carreiro

nós nunca sabemos das viagens
que fizemos
como voltamos se mais sábios se ignorantes

partimos com um destino
para nos largarmos por outros países
e pisar solos desconhecidos
e aprender com outros povos
o saborear da sua sopa o sabor do seu pão e exalar o seu perfume

apertar a mão que se afasta ou oferta
e juntar o dia de sol com a chuva de verão
e fazer uma festa com o que nos tiram ou dão

nunca sabemos
se da viagem voltamos
se não formos engolidos por uma tempestade

e em Nápoles o Vesúvio ou na Sicília o Etna
voltarem a eclodir
e sermos apanhados pelo fogo e pela cinza
ou se em Paris Roma Londres ou Madrid
sermos assaltados por carteiristas
para nos levarem a carteira com algum dinheiro
e os demais documentos e alguma alegria

se ao voltar os nossos sonhos venham intactos
e o espanto das surpresas de muitas descobertas
que os livros guardavam para nos oferecer
quando ao lê-los sonhávamos partir em longas viagens

todo o regresso seja donde for
trazemos dos sítios um pouco
da areia dos desertos
das cidades um incógnito e derradeiro amor

mas o que ficou da viagem
foi a coloquial linguagem
de que os povos afinal são no íntimo todos iguais
prostrando-se perante a vida diante de um navio a passar ao longe